

## A ESCOLA E SEUS DESAFIOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA AFETIVIDADE

Andréa Santos Lúcio<sup>1</sup>

Alvaro Carvalho Dias da Silva<sup>2</sup>

**RESUMO:** O debate sobre afetividade na escola ainda é um caminho pouco percorrido, alguns teóricos da educação como Piaget deram início a esse debate, analisando que não pode haver sucesso no processo ensino-aprendizagem, sem se fazer uso da afetividade, principalmente quando estamos falando de crianças que estão trilhando os passos iniciais de uma vida escolar, pois, esta configura-se na fase que o ser humano recebe afeto por todas as pessoas que envolvem sua vida, fazendo com que, no ambiente escolar não seja diferente, e assim haja uma necessidade de afetividade. Dessa forma o texto que segue irá trazer uma breve contextualização relacionada aos desafios para o desenvolvimento da afetividade no ambiente escolar, levando em consideração os estágios que a afetividade deve percorrer durante a vida escolar da criança; assim como também a relação professor e aluno com base na afetividade; e todo o envolvimento da afetividade escolar no desenvolvimento cognitivo do aprendente. Para tal desiderato realizaremos, através de abordagem qualitativa, uma pesquisa bibliográfica para que se possa sanar alguns questionamentos a respeito deste tema.

**Palavras-chave:** afetividade; ambiente escolar; professor (a); aluno(a).

### INTRODUÇÃO

Muitas vezes, as crianças ainda não estão preparadas para o ingresso na escola, pois este ingresso representa o primeiro afastamento da família. Com isso, o afeto da professora torna-se importante para ajudar na interação desta criança com o ambiente e com o grupo. É importante que a criança se sinta bem colhida e entenda que a separação é um processo natural e que comece a criar dentro de si a noção de responsabilidade.

Conforme a criança vai crescendo, as crises emotivas reduzem. Cenas tão comuns na infância são controladas pela razão, num trabalho de desenvolvimento da pessoa. As emoções são subordinadas ao controle das funções psíquicas superiores, da razão. A criança volta-se naturalmente ao mundo real, numa tentativa de organizar seus conhecimentos adquiridos até então, é novamente o predomínio da função cognitiva.

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Ciências da Educação pela World University Ecumenical – WUE (Miami, FL-EUA).

<sup>2</sup> Doutor em Educação pela Emil Brunner World University EBWU.

Portanto, todo processo de educação significa também a constituição de um sujeito. A criança seja em casa, na escola, em todo lugar, está se constituindo como ser humano, através de suas experiências com o outro, naquele lugar, naquele momento. A construção do real acontece através de informações e desafios sobre as coisas do mundo, mas o aspecto afetivo nesta construção continua sempre muito presente.

Segundo Piaget, é incontestável que o afeto desempenha um papel essencial no funcionamento da inteligência. Sem afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação; e, conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A afetividade é uma condição necessária na constituição da inteligência.

Consideram-se dois aspectos importantes no desenvolvimento intelectual: um afetivo e um cognitivo.

Para Piaget (1975, p. 265), “afeto e cognição resultam de uma adaptação contínua e interdependente, em que os sentimentos exprimem os interesses e os valores das ações ou das estruturas inteligentes”. “Enquanto os esquemas afetivos levam à construção do caráter, os esquemas cognitivos conduzem à formação da inteligência” (PIAGET apud FARIA, 1993, p.8).

A vida afetiva e a vida social, como formas de adaptação, apoiam-se numa assimilação contínua de situações presentes a situações anteriores. Essa assimilação é responsável pela existência de esquemas afetivos, isto é, de maneiras relativamente estáveis de sentir e reagir em relação aos outros.

De acordo com Piaget (1975), o processo de assimilação e de acomodação ocorre normalmente, porque os esquemas pessoais são como os outros, cognitivos e afetivos. Existe apenas uma diferença de grau, pois as pessoas provocam reações diferenciadas das reações provocadas pelos objetos. Um bebê que sente prazer no seu relacionamento inicial com a mãe, tende a repetir esse sentimento em seus contatos posteriores com ela. Tende ainda generalizá-lo a outras pessoas como tias, avós etc.

Para tanto, necessita modificar ou diferenciar o esquema afetivo, isto é, precisa acomodar os modos de sentir atuais aos modos de sentir passados. A impressão afetiva nada mais é que a consciência de uma necessidade ou de um interesse capaz de levar o organismo a se mobilizar para satisfazê-la e, assim, atingir o equilíbrio.

Explicando melhor, a afetividade representa a fonte energética que mobiliza a

inteligência, sem alterá-la, da mesma forma que o combustível de um carro provoca o funcionamento do motor sem modificar a máquina (PIAGET, 1954.).

Para o mesmo autor (1975, p. 226), “cada um dos personagens do meio ambiente da criança ocasiona em suas relações com ela uma espécie de esquema afetivo, isto é, resumos ou moldes dos diversos sentimentos sucessivos que esse personagem provoca”. O conjunto dos esquemas irá constituir o caráter da pessoa.

É imprescindível, então que no contexto escolar trabalhemos a articulação afetividade-aprendizagem nas mais variadas situações, considerando-a como essencial na prática pedagógica e não a julgando como simples alternativa a qual podemos lançar mão quando queremos fazer uma “atividade diferente” na escola. Essa articulação deve ser uma constante na busca de todos que concebem o espaço escolar como locais privilegiados na formação humana.

Os conhecimentos são construídos por meio da ação e da interação. O sujeito aprende quando se envolve ativamente no processo de produção do conhecimento, através da mobilização de suas atividades mentais e na interação com o outro.

Portanto, a sala de aula precisa ser espaço de formação, de harmonização, onde a afetividade em suas diferentes manifestações possa ser usada em favor da aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são faces de uma mesma realidade, o desenvolvimento do ser humano.

## **OS ESTÁGIOS DA AFETIVIDADE NA VIDA ESCOLAR**

Henri Wallon (1995), define a evolução do ser humano através de estágios comportamentais, onde a criança vai vivenciando diversas situações e isso vai contribuir para o seu crescimento. Como a criança evolui até tornar-se adulta, do ponto de vista afetivo.

No início da vida o recurso de aprendizagem é a fusão com os outros. O processo de ensino e de aprendizagem exige respostas corporais, contatos epidérmicos, daí a importância de se ligar ao seu cuidador, que segure, carregue e embale.

Através dessa função, a criança participa intensamente do ambiente e, apesar de percepções, sensações nebulosas e pouco claras, vão se familiarizando com esse mundo e apreendendo-o, iniciando assim, um processo de diferenciação.

O processo de ensino e de aprendizagem no lado afetivo se revela pela disposição do professor em oferecer uma diversidade de situações em aula, espaço para que todos os alunos possam participar igualmente e pela sua disposição de responder às constantes e insistentes indagações na busca de conhecer o mundo exterior, e assim facilitar para o aluno a sua diferenciação em relação aos objetos.

O processo de aprendizagem precisa oferecer atividades diferentes e a possibilidade de escolha pela criança das atividades que mais a atraiam. O adulto será o receptor de muitas respostas não: não quero; não gosto, não vou; é meu. O importante do ponto de vista afetivo é conhecer e respeitar as diferenças que despontam. Chamar pelo nome, mostrar que a criança está sendo vista, que ela tem visibilidade no grupo pelas suas diferenças, propor atividades que mostrem essas diferenças, dar oportunidades para que a criança se expresse.

O tipo de afetividade que facilita essas aprendizagens comporta oportunidades variadas de convivência com outras crianças de idades diferentes e a aceitação dos comportamentos de negação, lembrando que são recursos de desenvolvimento.

Ao ingressar na escola e iniciar o seu período escolar, a aprendizagem se faz predominantemente pela descoberta de diferenças e semelhanças entre objetos, imagens, ideias. O predomínio é da razão. Esse predomínio vai se expressar em representações claras, precisas, que se transformarão, com o tempo, em conceitos e princípios.

A exploração de si mesmo, na busca de uma identidade autônoma, mediante atividades de confronto, autoafirmação, questionamentos se submete e se apoia nos pares, contrapondo-se aos valores, tal qual interpretados pelos adultos com quem convive.

Quando chega à adolescência, o recurso principal de aprendizagem do ponto de vista afetivo volta a ser a oposição, que vai aprofundando e possibilitando a identificação das diferenças entre ideias, sentimentos, valores próprios e do outro, adulto, na busca para responder: Quem sou eu? Quais são os meus valores? Quem serei no futuro?

Para Wallon (1995), o processo ensino-aprendizagem facilitador do ponto de vista afetivo é aquele que permite a expressão e discussão dessas diferenças e que elas sejam levadas em consideração, desde que respeitados os limites que garantam relações solidárias.

Mas e o adulto, que representa o polo ensino no processo ensino-aprendizagem. Apesar de todas as transformações ocorridas nas anteriores, a pessoa se reconhece como o mesmo e único ser. É capaz de afirmar com certa segurança: Eu sei quem sou. Ou

seja, conhece melhor suas possibilidades, suas limitações, seus pontos fracos, suas motivações, seus valores e sentimentos, o que cria a possibilidade de escolhas mais adequadas nas diferentes situações de vida. Ser adulto significa ter desenvolvido uma consciência moral, reconhecer e assumir com clareza seus valores e dirigir suas decisões e escolhas de acordo com eles.

Para Wallon (1995), é essa definição de valores e compromissos com eles que marca o fim da adolescência, cuja característica primordial foi à luta por essa definição. Com maior clareza de seus valores, o adulto estará mais livre e com mais energias para voltar-se para os outros, para fora de si, em condições de acolher o outro solidariamente e a continuar a se desenvolver com ele. Esse é um indicador do amadurecimento: conseguir um equilíbrio entre “estar centrado em si”, e “estar centrado no outro”, um equilíbrio nas direções para dentro-conhecimento de si - e para fora - conhecimento do mundo.

## **RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO BASEADA NA AFETIVIDADE**

A afetividade acompanha o ser humano desde o nascimento até a morte. A afetividade domina a atividade pessoal na esfera instintiva, nas percepções, na memória, no pensamento, na vontade, nas ações, na sensibilidade corporal é componente do equilíbrio e da harmonia da personalidade.

O sujeito constrói-se a partir das relações entre um mundo externo, estruturado pela cultura e pelas condições históricas, e por um mundo interno, não somente no aspecto cognitivo, mas afetivo, que envolve desejos, pulsões, sentimentos, emoções, portanto, é extremamente importante aproveitar essas relações na prática educativa.

Segundo Alencar (2001), educar é ensinar a olhar para fora e para dentro, superando o divórcio, típico da nossa sociedade, entre objetividade e subjetividade. É aprender além: saber que é tão verdade que a menor distância entre dois pontos é uma linha reta quando que o que reduz a distância entre dois seres humanos é o riso e a lágrima.

A afetividade é um conceito amplo, integra relações afetivas como a emoção (medo, cólera, alegria tristeza), a paixão e o sentimento, inerente ao processo de ensino-aprendizagem. Segundo a teoria Walloniana, emoção e cognição são dois aspectos inseparáveis no desenvolvimento e se apresentam de forma antagônica e complementar.

Na sala de aula, espaço social de convivência diária, é possível perceber movimentos que caracterizam os conflitos eu-outro e que se constituem em oportunidades de questionamentos, reflexão e conscientização, e outros que apenas desgastam a relação professor/aluno/conhecimento. Mas também movimentos em que as interações gestadas na relação eu-outro são baseadas na importância do eu e do outro, no comprometimento e no diálogo.

A escola constitui-se como um espaço essencialmente educativo, cuja função principal é a de mediar o conhecimento, possibilitar ao educando o acesso à reconstrução do saber. Essa função está imbricada inexoravelmente às relações, pois a transmissão do conhecimento se dá na interação entre pessoas.

Assim, nas relações ali estabelecidas, professor/aluno, aluno/professor, aluno/aluno o afeto está presente. Um dos componentes essenciais para que esta relação seja significativa e represente uma parceria no processo ensino-aprendizagem, é o diálogo.

Enfatizar o diálogo como imprescindível na relação professor/aluno não significa, portanto, desconsiderar a diretividade necessária ao processo ensino-aprendizagem ou a má interpretação de que o bom professor é “o bonzinho”, “o que permite tudo”, ou “o que entende o aluno em todas as suas atitudes”. A relação professor/aluno, por sua natureza antagônica, oferece riquíssimas possibilidades de crescimento (ALMEIDA, 2001).

Os conflitos oriundos desta relação desigual podem e devem ser aproveitados, pois resolvê-los pressupõe o exercício constante de equilíbrio entre razão e emoção. Devido à natureza paradoxal das emoções, há um antagonismo entre as mesmas e atividade intelectual.

É possível perceber que quando ocorre a elevação da temperatura emocional, o desempenho intelectual diminui, impedindo a reflexão objetiva, e quando a atividade intelectual está voltada para a compreensão da emoção, seus efeitos são reduzidos. O desenvolvimento deve conduzir à predominância da razão, sem que a emoção esteja excluída.

Em se tratando de adolescentes é importante que a relação afetiva seja mais cognitiva, que se concretize considerando o outro como legítimo outro na convivência (MATURANA, 1999), ou seja, que a relação professor-aluno se dê como uma parceria afetivo-cognitiva, evidenciada através de uma linguagem onde haja espaço para o elogio, o incentivo e mesmo para a repreensão necessária, direcionada ao outro como

possibilidade de reflexão, conscientização e formação. É essencial que esta relação esteja pautada no interesse pelo sujeito singular, gestado no coletivo, e principalmente pela crença na capacidade do ser humano.

Essa relação é uma via de mão dupla, professor/aluno, aluno/professor, que faz da sala de aula uma teia de valores, necessidades, aspirações e frustrações que se entrecruzam e, portanto, se influenciam reciprocamente. Por isso, tanto professor quanto o aluno são responsáveis por dar o tom a essa relação, mas é imprescindível que compreendamos que nós professores somos maestros nessa sinfonia, quer seja por nossa formação, experiência ou por nossa diferença em relação ao aluno, sujeito em formação, em busca de sua identidade.

A relação afetiva entre os sujeitos envolvidos no processo ensinar – aprender, o exercício do diálogo, o fazer compartilhado, o respeito pelo outro, o estar aberto, o saber escutar e dizer configura-se como elementos de fundamental importância para a aprendizagem.

## **A RELAÇÃO ENTRE AFETIVIDADE E COGNIÇÃO**

Como já foi dito anteriormente, a afetividade na escola, tende a ficar em segundo plano, dando-se ênfase aos aspectos cognitivos. No entanto, hoje, através de estudos sobre a afetividade nas práticas pedagógicas, acredita-se que não existe uma aprendizagem unicamente cognitiva ou racional, já que os aspectos afetivos que compõem a personalidade do aluno não estão dissociados durante o período em que ele está na sala de aula. Pensar e sentir se complementam.

Na teoria de Wallon (1968), a dimensão afetiva é destacada de forma significativa na construção da pessoa e do conhecimento. Afetividade e inteligência, apesar de terem funções definidas e diferenciadas, são inseparáveis na evolução psíquica. Entre o aspecto cognitivo e afetivo existe oposição e complementariedade. Dependendo da atividade, há a preponderância do afetivo ou do cognitivo. Não se trata da exclusão de um em relação ao outro, mas sim de alternâncias em que um submerge para que o outro possa emergir.

Na escola essas relações acontecem o tempo todo, através dos conflitos e oposições, ou do diálogo e da interação. Piaget (1980), estudando o afeto e a cognição,

considerou o desenvolvimento intelectual como um processo que compreende um aspecto cognitivo e um aspecto afetivo.

Segundo sua teoria, o conhecimento se desenvolve quando as crianças fazem assimilações e acomodações das experiências. Isso pode ocorrer através de ações que são pensamentos ao nível representacional. Com as crianças mais novas as construções acontecem quase que exclusivamente quando ocorrem ações sensório-motoras sobre os objetos, ou seja, quando a criança brinca sem a utilização da noção de regras e a inteligência trabalha através das percepções (simbólico) e das ações (motor) através dos deslocamentos do próprio corpo.

A dimensão afetiva que inclui os sentimentos, interesses, impulso ou tendências (tal como "vontade") e valores, constitui o fator energético dos padrões de comportamento cujos aspectos cognitivos referem-se somente às estruturas. Na verdade, não existe conduta, por mais intelectual que seja, que não compreenda padrões afetivos como "motivos". Na concepção de Piaget, tanto o aspecto cognitivo quanto o afetivo desempenham papéis-chaves no desenvolvimento intelectual.

Ainda de acordo com Piaget (1980), vida afetiva e vida cognitiva são inseparáveis, embora distintas, já que o ato de inteligência pressupõe uma regulação interna (interesse, esforço, facilidade, etc.), o interesse e a relação afetiva entre a necessidade e o objeto susceptível de satisfazê-la. É muito importante para a criança perceber no(a) professor(a) um(a) amigo(a), já que é o laço afetivo que irá influenciar diretamente na aquisição do conhecimento.

Vale ressaltar que, na dinâmica do processo ensino-aprendizagem, encontra-se também a moralidade, pois esta constitui a obediência às regras do jogo. A moralidade é o palco, por excelência, onde a afetividade e a razão se encontram, geralmente, sob a forma de confronto. Em outras palavras, a afetividade interfere no uso da razão.

Para que a criança construa o juízo de moral, este poderá ser feito, segundo Piaget (1980), através de regras de um jogo, trabalhando o contrato/acordo entre partes, o respeito às regras, construindo a moralidade do homem individual e social. O ingresso da criança na sociedade certamente se dá pela aprendizagem de diversos deveres a ela impostos pelos pais e adultos em geral: não mentir, não pegar as coisas dos outros, não falar palavrão etc.

O adulto deve perceber que a criança irá evoluir em seu juízo de moral e que aquele ditado "faça o que eu falo e não faça o que eu faço" estará ultrapassado com o



tempo, pois gradativamente a criança chegará a etapa da autonomia mais crítica diante do que o adulto fala e transmite, e também do mundo que a rodeia.

A criança chega à etapa da autonomia crítica quando há consenso nas regras, onde o respeito às regras é decorrente de acordos mútuos ou coletivos. É também o período em que surge a capacidade de estabelecer relações cooperativas genuínas.

Considerando todos os elementos expostos até o momento, observa-se que os problemas de aprendizagem, como as dificuldades de compreensão, interpretação, leitura, escrita e raciocínio lógico, entre outros, são de fato difíceis de serem compreendidos. No entanto, para avançar na compreensão do não aprender, um primeiro passo é olhar para a criança ou para o jovem em sua totalidade afetiva e cognitiva, conforme sugere a teoria piagetiana, ao considerar a afetividade e a inteligência como aspectos inseparáveis, irreduzíveis e complementares da conduta humana. (Piaget, 1980).

A seguir será apresentada a descrição da escola onde foi realizada a pesquisa, o perfil e as características da turma e a visão dos professores em relação a essa turma.

## **AFETIVIDADE NA ESCOLA**

A escola, assim como a família, é uma instituição de caráter essencial na formação dos indivíduos de uma sociedade. Essa instituição exerce o papel de contribuir não só na aquisição de conhecimentos no campo cognitivo, mas também na construção da personalidade.

É primordial que a escola, espaço que mantém profunda relação com os discentes, esteja apta a desenvolver uma educação que leve a reflexão e ao surgimento do pensamento crítico e consciente. Compete à escola além de auxiliar no processo de absorção de conhecimentos intelectuais, proporcionar o desenvolvimento afetivo entre os indivíduos, visto que uma civilização composta por pessoas frigiditas é um campo minado, propício a autodestruição.

Neste contexto cabe citar o trabalho de Saltini (1997:15) que enfatiza que: As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

O pensamento é uma característica atribuída exclusivamente aos seres dotados de cérebro, todavia, entre os seres humanos, ele pode ser utilizado como instrumento de construção do futuro. A formação do pensamento está vinculada às bases afetivas. É uma prática que se encontra atrelada à educação e cabe aos educadores favorecer ao seu aparecimento. Sendo assim é indispensável que o ato de pensar seja algo que nos conduza por caminhos que permitem a evolução e liberdade de sonhar.

É por meio do pensar que temos a oportunidade de conhecer, entender e melhorar a nossa realidade. O pensamento quando construído sobre bases afetivas, apresenta maiores chances de produzir reações favoráveis entre os grupos sociais.

Nesse sentido vale destacar as contribuições de Saltini (Idem 1997:15) que afirma que, “o nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho.”

Normalmente, passa-se um tempo considerável na escola e é lá que fazemos inúmeras descobertas ainda quando criança. A educação escolar deve transcender a transmissão de conteúdo, assim como deve exercer e insistir em oferecer mais de mil maneiras para que seu corpo discente faça parte de um processo de aprendizagem que envolve todas as funções humanas, tais como, física, intelectual e sentimental. Este aspecto também é comentado por

Saltini (Ibidem 1997:31) que aponta que, “em primeiro lugar a educação não é uma transmissão do conhecimento, de um saber ou até mesmo de uma conduta, mas, sobretudo uma iniciação à vida.”

O ato de educar deve existir com princípios que regem a formação integral dos educandos. Deve possibilitar a eles alcançar o total conhecimento de si em relação ao mundo, ciente do seu poder de ser e fazer. A propósito Saltini (Ibidem 1997:33) assinala que “educar é um meio pelo qual o homem possa construir-se como pessoa em termos de ser e não de ter, ocupando o seu potencial do sentir e do pensar.”

Durante o processo de aprendizagem é preciso enfatizar a importância de aprender e ensinar a lutar. É indispensável que exista uma reflexão e questionamento constante quanto à existência humana, a fim de identificar e alcançar os objetivos mais serenos e preciosos do ato de educar. Ao referir-se a tal assunto Saltini (Ibidem 1997:48) considera que, “educar significa também, aprender e ensinar a lutar, aprender e ensinar a intensificar a existência e a cumpri-la com decisão e consciência.”

Inquestionavelmente a escola deve organizar-se com um grupo docente especializado, sabendo que as crianças para alcançarem o desenvolvimento pleno de suas potencialidades necessitam estabelecer relações com pessoas capazes de conhecer e compreender sua subjetividade e características próprias de cada faixa etária.

Saltini (Ibidem 1997:73) afirma que: O professor (educador) obviamente precisa conhecer a criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

Partindo desse pressuposto faz-se indispensável salientar que as crianças no ambiente escolar se encontram abertas a receber e estabelecer relação íntima e afetiva com o professor. Saltini (Ibidem 1997:89) entende que, “a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.”

As emoções e os sentimentos das crianças certamente marcarão seus níveis de desempenho escolar. A relação articulada com o meio, desempenha papel indispensável na aprendizagem. Em uma criança com problemas emocionais é possível constatar na maioria dos casos, que elas apresentam dificuldades em alguma área do desenvolvimento infantil, quando comparada à outra sem os mesmos distúrbios emocionais.

Também Monteiro (2003:11) ao analisar a avaliação do desempenho, alude que: uma criança, com problemas emocionais, enfrentando dificuldades em suas interações com o meio físico e social, não deverão apresentar o mesmo nível operatório de outra, de mesma idade cronológica e sob condições de existência mais favoráveis, pois a afetividade regula os processos e equilíbrio que se desenvolvem entre a assimilação e a acomodação.

A escola deve estar apta a receber, conviver e saber lidar com os variados tipos de alunos existentes. O papel do professor em sala de aula é primordial para entender e resolver alguns contratempos, todavia a escola também deve oferecer o suporte ao educador para que este possa atuar de forma decisiva.

O professor ao exercer sua prática, necessita realizá-la com amor e paixão ou ao contrário irá confirmar o que muitos atribuem ao ato educativo, a visão reduzida de mera transmissão de conteúdo. A respeito disso vale citar Cury (2003:109) que considera que,

“os professores e os pais que não provocam a emoção dos jovens não educam, apenas informam.”

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. **Conversas sobre Educação**. Campinas, SP: Verus Editora, 2003.
- AQUINO, Júlio. **Confrontos na sala de aula: uma leitura institucional da relação professor-aluno**. São Paulo: Summus Editorial, 1996.
- ASSMANN, Hugo. **Reencantar a Educação: rua e sociedade aprendente**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- BEAN, Reynold. **Crianças seguras: como aumentar a autoestima das crianças**. São Paulo: Gente, 1995.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pensar a prática**. Edições Loyolla, São Paulo, 1984.
- BOCK, Ana M. Bahia (et. al) **Psicologias: uma introdução ao Estudo da Psicologia**. 10ª Ed. São Paulo: Saraiva, 1997.
- BOFF, Leonardo. **Saber Cuidar: Ética do Humano – Compaixão pela terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.
- BOSSA, Naide A. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Artmed, 2002.
- CARDOSO, Clodoaldo Meneguelli. **A canção da Inteiraza: Visão Holística da Educação**. São Paulo: Summus, 1995.
- CENPEC. **Ensinar e Aprender/ Raízes e asas**. Vol. 5. p. 1-27. (Revista Construir Notícias, nº 37. Nov/Dez 2007, p. 38).
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5ª edição. São Paulo: Cortez 2001.
- FERREIRA, Roberto Martins. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Moderna, 1993.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e Poder: Introdução a Pedagogia do Conflito**. 12ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- \_\_\_\_\_. Moacir. **Convite a leitura de Paulo Freire: Scipione**, 1999.

GAMBIM, Luiz. et. al. **Mundo Jovem: Professores e Alunos aprendem juntos**. Abril/2001, p. 2.

HENGEMUHLE, Adelar. **Gestão de ensino e práticas pedagógicas**. Petrópolis, RJ: Vozes 2004.

KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação professor-aluno: contribuições à prática pedagógica**. Maceió: Edufal, 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia de Educação**. São Paulo: Cortez, 1994.

MARCHAND, Max. **A afetividade do educador**. 2º ed. São Paulo: Summus editorial 1985.

MATURANA, R. Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MONTEIRO, Maria Therezinha de Lima. **Serie Texto Didático: Cognição e afetividade. Piaget e Freud**. Brasília: Universal, 2003.

MOURA, Tolentino Lucilene. **A Relação da Afetividade com a Inteligência**. Disponível em: <HTTP://www.pedagogiaemfoco.pro.br/metcompnew1.odf>. Acesso em: 15/05/2008.

PIAGET, Jean. **A Representação do Mundo na Criança**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

PIMENTEL, Maria da Glória. **O professor em construção**. 3ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

PATTO, Maria Helena Sousa (org.). **Introdução À Psicologia Escolar**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky: Uma perspectiva histórico cultural da educação**. 2ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

RODRIGUES, Neidson. **Da mistificação da escola a escola necessária**. 10ª Ed. São Paulo: Cortez, 2001.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia afetiva**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.

SALTINI, Cláudio J.P. **Afetividade e inteligência. Rio de Janeiro**. DPA, 1997.

SEVERINO, A. J. **O projeto político pedagógico: A saída para a escola**. Revista de educação AEC 27 (107, abr/jun.) 85-91.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. 9ª ed. São Paulo: Libertad, 1998.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. Tradução Claudia Berliner. São Paulo. 2007